

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

O DESENHO E A MODELAGEM COMO PROCESSO PARA CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DA CRIANÇA COM AUTISMO/S

Vanessa Ferreira Xaves Vargas¹

Giseli Monteiro Gagliotto²

Eixo temático: Educação, cultura e linguagens

O presente resumo, refere-se a um recorte de nossa pesquisa, em andamento, para a obtenção do título de mestre, no Programa de Pós-graduação em Educação, modalidade *Stricto Sensu*, na linha de pesquisa “Cultura, Processos Educativos e Formação de Professores” da Unioeste, *campus* de Francisco Beltrão-PR. Nosso objetivo central consiste em mostrar, uma discussão, sobre a metodologia utilizada por Françoise Dolto e a sua importância no tratamento de crianças autistas. Para isso, escolhemos, como metodologia, inicialmente, a revisão teórico-bibliográfica de teses e dissertações nos programas de Pós-graduação do estado do Paraná, bem como buscamos suporte teórico em uma perspectiva psicanalítica a partir da visão de Françoise Dolto.

A comunicação é definida como um tipo de linguagem, em uma troca de informações a duas ou mais pessoas. Existem várias formas de expressão da comunicação; podemos classificá-las em linguagem falada, escrita, gestual, por sinais, entre outras. Trata-se do ato de comunicar-se ao outro, no intuito de transmitir alguma informação, inconsciente ou consciente, que se espera que este outro compreenda, o que nem sempre acontece.

Segundo o Oxford Dictionary, comunicação é definida como "a troca ou expressão de informações através da fala, escrita ou algum outro meio". Tendo

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). vanexaves17@gmail.com

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). giseligagliotto@gmail.com

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

em conta essa definição, devemos reconhecer duas implicações: 1 - é que a pessoa realmente deseja transmitir alguma mensagem ao outro; e 2 - a outra pessoa precisa estar preparada para, considerar a mensagem, daquela pessoa, com cuidado de modo que consiga compreender o que ela quer transmitir. (BRAFMAN, 2016. p.14)

Um exemplo de expressão da comunicação é por meio de desenhos, quando tratamos de crianças e adolescentes. Através deles, com um olhar atento e minucioso, é possível identificar a mensagem que pode estar expressa, através dele. Mensagem esta que, nem mesmo o seu autor às vezes o sabe decodificar em palavras, mas almeja que, alguém assim o faça, para que se deem, as significações necessárias a compreender.

Brafman (2016) nos traz um exemplo de um menino de 16 anos que, foi levado ao atendimento com ele, e que vinha de um contexto familiar, no qual sua mãe abandonara a família quando ele tinha 4 anos e seu pai casara de novo, quando ele tinha 7 anos. Aos 16 (dezesseis) havia apresentado uma série de problemas de comportamentos na escola.

No decorrer de nossa entrevista, ele fez um desenho da esposa daquele casal, sentada de perfil numa cadeira e, em seguida, fez algumas outras imagens da mesma folha de papel. Alguns minutos mais tarde, enquanto continuávamos conversando, ele virou a folha e desenhou um altar; eu estranhei que ele tivesse feito o altar com linhas mais claras, não tão definidas quantas as do primeiro lado do papel. Eu levantei a folha de papel e estava comentando meu interesse em saber o porquê da escolha de um altar quando reparei que a senhora estava agora deitada sobre o altar (ver o caso de Alan, 111-116). Quando chamei a sua atenção para essa superposição, ele ficou surpreso e algo embaraçado - ele podia reconhecer como, de um ponto de vista inconsciente, essa senhora havia preenchido o vazio deixado por sua mãe que deixara a família, quando ele tinha quatro anos de idade. (BRAFMAN, 2016. p.13-14)

Este exemplo nos permite uma compreensão rica de significados, em que o inconsciente se comunica através de uma linguagem que, ainda não está nítida para o seu autor, mas que, através de um olhar, atento criterioso, é possível perceber, além da representação, a cadeia de

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

significantes³ expressada ali, como consequência da angústia vivida por um trauma⁴ ou sentimento não significado.

Para Françoise Dolto (2013), o desenho é utilizado como meio fundamental de acesso ao inconsciente das crianças, pois é por meio deste e da modelagem, que ela escuta, interpreta, acredita e desvela, a forma de comunicação expressada ali.

Halmos (1989) relata a história de Sophie, uma menina de dez anos que, há dois anos, estava em atendimento com ele. Seus pais, haviam se separado e, agora morava com a mãe e o irmão de treze anos. Neste tempo de tratamento, a garotinha conseguiu superar a inibição⁵ e tornou-se independente da mãe, mas ainda no ponto da escolaridade, continha problemas de escrita, leitura e cálculo. Seus desenhos, apresentavam, continuamente, duas séries idênticas: “uma casa, em que duas personagens, uma feminina e outra masculina, preparavam-se para comer à mesa posta, e um barco sobre o qual estavam personagens semelhantes. (p.77-78)”, sem poder compreender o que estes significavam, seus analistas levaram-na até Dolto, apresentando-lhe o caso e mostrando-lhe os desenhos. Dolto, em um olhar minucioso e criterioso, percebe que as personagens tinham “mãos de torneira” e, assim, através de suas experiências, identificou que a menina dormia com seu irmão.

Naquele dia aprendemos muito, e não apenas sobre o incesto irmão-irmã e as mãos "em torneira". Surgia para nós a verdade de que, se Sophie não sabia ler, nós também não sabemos mais do que ela. E diante de nós estava alguém que sabia ler sem o saber, desde toda a eternidade; alguém que havia aprendido a

³ Significante: Termo introduzido por Ferdinand de Saussure (1857-1913), no quadro de sua teoria estrutural da língua, para designar a parte do signo linguístico que remete à representação psíquica do som (ou imagem acústica), em oposição à outra parte, ou significado, que remete ao conceito. Retomado por Jacques Lacan* como um conceito central em seu sistema de pensamento, o significante transformou-se, em psicanálise*, no elemento significativo do discurso (consciente ou inconsciente) que determina os atos, as palavras e o destino do sujeito*, à sua revelia e à maneira de uma nomeação simbólica. (ROUDINESCO, 1998. p.722)

⁴ O efeito traumático não é tanto o choque em si, mas o susto ou a surpresa, sentidos, consequência de uma falta de angústia, posto que a angústia é o meio através do qual os sistemas que têm que enfrentar as excitações externas são mobilizados. (ROUDINESCO, 1998. p.501)

⁵ Termo empregado em psicologia para designar a inibição voluntária de uma conduta consciente. Em psicanálise*, a repressão é uma operação psíquica que tende a suprimir conscientemente uma idéia ou um afeto cujo conteúdo é desagradável. (ROUDINESCO, 1998. p.659)

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

ler porque, sem discriminações a priori havia aceitado o postulado de que tudo é legível. Diante de nós estava alguém que levava a sério o menor fonema emitido por uma criança o menor sinal de seus desenhos. (HALMOS, 1989. p.78)

Assim sendo, Dolto primava a escuta do outro, sem conceitos pré-definidos, não à luz de seus critérios, mais estabelecendo uma comunicação aberta as significações que o outro a possibilitaria, para a partir de ali, trazer em palavras, aquilo que não foi possível compreender por meio delas.

Concordamos com Pires (2023) quando nos afirma que a leitura das obras dessa psicanalista, nos deixa explícito, o lugar, em que ela se coloca, frente ao desconhecido:

Entendo que Dolto é impressionante não porque ela muito sabe, mas, pelo contrário, porque atua com firmeza na área do não saber, justamente por saber que do assombro e da ignorância não se escapa. Acho importante afirmar esse crivo diferencial de onde parte minha leitura da obra dessa psicanalista. Entre minhas frases favoritas da autora está: é preciso escutar os pacientes; escutar não é o mesmo que compreender; muitos eu curei sem entender nada. Escutar o incompreensível: parece que é isso que move a clínica de Dolto - sem que o incompreensível deixe de o ser por ser escutado. (PIRES, 2023. p. 66)

Esses recursos utilizados, como desenho e modelagem, visam atingir um mesmo objetivo; o de fazer com que a criança verbalize seus afetos, expresse os conflitos e tensões” (SOLER e BERNARDINO, 2012. p.211). Então, espera-se que, a partir desses recursos, a criança projete, desenhe, modele, aquilo que a está afetando, seja consciente ou inconscientemente. E isso não significa efetuar uma, interpretação explícita⁶, do que está representado, mas que a partir disso, proporcione diálogos entre analista e analisando, deixando que a criança interprete seu desenho/modelagem, com os questionamentos do analista. (SOLER e BERNARDINO, 2012)

A facilidade com que a criança pensa, vive imaginativamente conosco, nos fornece pelos desenhos o seu mundo interior, nos relatam os seus sonhos, de que muitas vezes diz aos seus familiares não se recordar, dos confessa as suas faltas ou nos conta espontaneamente segredos que não desvenda a ninguém,

⁶ No sentido literal.

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

essa facilidade e essa confiança são a base de nossa ação terapêutica: é a situação de transferência. (DOLTO, 1988. p.133)

Por isso, a cada pergunta feita, pela criança, Dolto nos sugere que a respondamos com outra pergunta, indagando-a em sua própria linguagem, para fazer emergir do inconsciente o que está recalcado⁷.

No que tange ao autismo, essa técnica deixada por Dolto, contribui muito, pois ainda que a criança não expresse a linguagem falada, de maneira satisfatória, o desenho e a modelagem veem como meio de expressão gráfica, que possibilita a comunicação com o Outro, manifestando aquilo que a criança quer falar, momentos bons e ruins, conscientes e inconscientes.

Gonçalves (2017), nos traz um estudo de caso, de uma menina autista, analisada conforme o método de Dolto, através de seus desenhos. Maria tinha três anos e meio quando ingressou na escola, na qual foi proposto que sua mãe Lourdes a levasse a um psiquiatra por seu comportamento “idiossincrático”⁸. Passou por exames neurológicos, não apresentando anormalidades. Aos cinco anos, recebeu o diagnóstico de autismo, momento em que passou a frequentar a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae). Aos seis anos, começou a frequentar a escola regular, permanecendo, até os onze anos de idade, na mesma série: primeiro ano do Ensino Fundamental. Dos onze aos doze anos, ficou apenas na Apae, com relatos de comportamentos como agressividade e hiperatividade. Maria, morava com sua mãe, Lourdes e mantinha pouco contato com o pai que tinha outra família.

⁷ Para Sigmund Freud*, o recalque designa o processo que visa a manter no inconsciente* todas as idéias e representações ligadas às pulsões* e cuja realização, produtora de prazer, afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico do indivíduo, transformando-se em fonte de desprazer. Freud, que modificou diversas vezes sua definição e seu campo de ação, considera que o recalque é constitutivo do núcleo original do inconsciente. No Brasil também se usa “recalcamento”. (ROUDINESCO, 1998. p.647)

⁸ Próprio e particular de uma pessoa, grupo; característico. (DICIO, 2020)

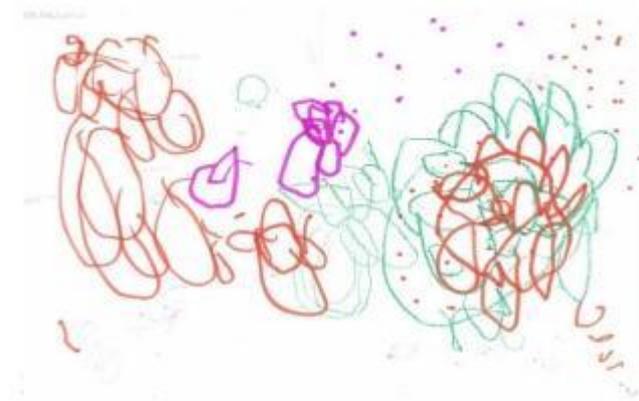


Figura 3. Corpo.

Fonte: Prontuário de atendimento da Clínica-Escola de Psicologia do Unilavras.

Figura 2: (GONÇALVES, 2017. p.239)

A partir da análise do desenho, é possível pensar em uma estrutura de esquema corporal. Ainda que o desenho proporcione o esboço de um corpo precário (com poucos detalhes), dá boa ideia de corpo, o próprio corpo, ao se considerar a ideia de Dolto (2008) sobre a imagem corporal, antes da passagem pelo Complexo de Édipo, visto que o autista ainda não perpassou por esse período. (GONÇALVES, 2017. p.239)

Não nos cabe, aqui, aprofundar o caso ~~como um todo~~ e analisa-lo de maneira integral, mas sim fragmentos dele, que nos permitem perceber que, na análise de uma criança autista, é possível trabalhar com as expressões gráficas (desenhos e modelagens) para que possa emergir uma constituição subjetiva desta. Como nos destaca Gonçalves (2017), foi possível evidenciar através da interpretação dos desenhos, que Maria seguiu em direção a sua constituição subjetiva e sua inscrição no simbólico⁹. “Neste caso, o desenho atuou como facilitador, no processo de aceitação da presença do Outro, por meio de possíveis elaborações que favoreceram o início de uma construção da imagem do próprio corpo. (GONÇALVES, 2017. p.243)”

⁹ Termo extraído da antropologia* e empregado como substantivo masculino por Jacques Lacan*, a partir de 1936, para designar um sistema de representação baseado na linguagem, isto é, em signos e significações que determinam o sujeito à sua revelia, permitindo-lhe referir-se a ele, consciente e inconscientemente, ao exercer sua faculdade de simbolização. (ROUDINESCO, 1998. p.714)

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

Françoise Dolto (2013), destaca a importância da linguagem em suas variadas formas de expressão, e como esta influencia positivamente no processo de constituição do sujeito e, como a sua falta, pode gerar sofrimentos e problemas. Ela se utiliza do desenho e da modelagem como meio de acesso ao inconsciente e leitura de uma linguagem gráfica, ao tentar entender e decifrar, não o desenho em si, mas aquilo que está implícito, seus desejos, angústias e anseios.

Portanto, como metodologia utilizada por essa psicanalista, o desenho e a modelagem trazem consigo a possibilidade de acessar, a imagem inconsciente do corpo, de cada criança. Por esta razão, o profissional que irá atendê-la, precisa estar aberto e sensível a cada traço desenhado por ela. Ou seja, o olhar atento, e o se colocar ao mesmo nível da criança, permite descobertas que só elas podem revelar, permite acessar parte da história dela, parte das experiências emocionais que deixaram marcas incompreendidas, que antes não se faziam possível acessar; mas pela situação de transferência¹⁰ na relação com o outro, torna-se possível.

Palavras-chave: educação; autismo; psicanálise.

REFERÊNCIAS:

BRAFMAN, Abraão H. **A linguagem dos desenhos:** uma nova descoberta no trabalho psicodinâmico. São Paulo: Blucher, 2016.

IDIOSSINCRÁTICO. *In:* DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/idiossincratco/> Acesso em: 30/08/2024.

DOLTO, Françoise. **Os caminhos da educação.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

¹⁰ Termo progressivamente introduzido por Sigmund Freud* e Sandor Ferenczi* (entre 1900 e 1909), para designar um processo constitutivo do tratamento psicanalítico mediante o qual os desejos* inconscientes do analisando concernentes a objetos externos passam a se repetir, no âmbito da relação analítica, na pessoa do analista, colocado na posição desses diversos objetos. (ROUDINESCO, 1998. p.766-767)

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

DOLTO, Françoise. **Seminário de psicanálise de crianças**. Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes, 2013.

GONÇALVES, Renata Cristina. A influência do desenho na clínica psicanalítica para a constituição do sujeito: um estudo de caso sobre o autismo infantil. **Estilos clin.**, São Paulo , v. 22, n. 2, p. 230-245, ago. 2017 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141571282017000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 18 jun. 2024.

HALMOS, Claude. Entre as crianças e os psicanalistas. *In*: CIFALI, Mireille. **Seguindo os passos de Françoise Dolto**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

PIRES, Luciana (Org.). **Françoise Dolto: cultura, psicossomática e clínica**. São Paulo: Blucher, 2023.

SOLER, Vanessa Tramontin da; BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. A prática psicanalítica de Françoise Dolto a partir de seus casos clínicos. **Estilos clin.**, São Paulo , v. 17, n. 2, p. 206-227, dez. 2012 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141571282012000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 18 jun. 2024.

ROUDINESCO, Elisabeth. 1944 – **Dicionário de psicanálise**/Elisabeth Roudinesco, Michel Plon; tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. – Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

